



O Processo de Alfabetização e Letramento no 1º ano do Ensino Fundamental: A Oficina de Leitura como Estratégia Pedagógica

The Process of Literacy And Social Literacy in the 1st Year of Elementary School: The Reading Workshop as a Pedagogical Strategy

Roziane Medeiros de Carvalho

Universidad del Sol.

Resumo: Este estudo investiga o processo de aquisição da leitura e da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Professor Erick Vicente de Souza, em Manaus-AM. A pesquisa problematiza os baixos índices de aprendizagem e a persistência de métodos tradicionais de decodificação mecânica frente à necessidade de uma abordagem sociointeracionista. O referencial teórico ampara-se nas concepções de Magda Soares (2009, 2013) sobre a distinção e articulação entre alfabetização e letramento, além das contribuições de Vygotsky (2007) e Paulo Freire (1983) acerca do lúdico e da educação dialógica. Metodologicamente, caracteriza-se como um estudo de campo de natureza aplicada e abordagem quali-quantitativa, realizado em 2021. A coleta de dados envolveu levantamento bibliográfico, questionários com quatro docentes e a implementação do projeto de intervenção “Oficina de Leitura” com 100 alunos, utilizando ferramentas como alfabeto móvel, máquinas de leitura e gêneros textuais do cotidiano. Os resultados indicam que a intervenção pedagógica lúdica catalisou avanços significativos na autonomia leitora e escritora dos discentes, permitindo a superação de barreiras decorrentes da escassez de recursos e da carência de acompanhamento familiar. Conclui-se que o fortalecimento dos vínculos entre a teoria sociointeracionista e a prática docente é fundamental para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; oficina de leitura.

Abstract: This study investigates the process of acquiring reading and writing in the 1st year of Elementary School at the Escola Professor Erick Vicente de Souza, in Manaus-AM. The research addresses the problem of low learning levels and the persistence of traditional mechanical decoding methods compared to the need for a socio-interactionist approach. The theoretical framework is based on Magda Soares’ (2009, 2013) concepts regarding the distinction and articulation between literacy and social literacy, as well as contributions from Vygotsky (2007) and Paulo Freire (1983) concerning playfulness and dialogic education. Methodologically, it is characterized as a field study of an applied nature with a quali-quantitative approach, conducted in 2021. Data collection involved a bibliographic survey, questionnaires for four teachers, and the implementation of the “Reading Workshop” intervention project with 100 students, utilizing tools such as the mobile alphabet, reading machines, and everyday textual genres. The results indicate that the playful pedagogical intervention catalyzed significant advances in the students’ reading and writing autonomy, allowing for the overcoming of barriers resulting from the scarcity of resources and the lack of family support. It is concluded that strengthening the links between socio-interactionist theory and teaching practice is essential for the formation of critical and reflective citizens.

Keywords: literacy; social literacy; reading workshop.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea no Brasil atravessa um cenário de profundas transformações e desafios estruturais, especialmente no que tange aos processos de aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Historicamente, a escrita consolidou-se como um marco divisor na trajetória da humanidade, funcionando como uma tecnologia indispensável para a atuação cidadã e a inserção do sujeito em esferas políticas, religiosas e literárias. Todavia, a transição de uma visão puramente tradicionalista para uma abordagem sociointeracionista exigiu que o ambiente escolar repensasse suas práticas pedagógicas. Enquanto a pedagogia tradicional frequentemente reduzia o ato de ler à decodificação mecânica de fonemas e grafemas (o clássico “B + A = BA”), a perspectiva contemporânea, amparada por teóricos como Cagliari (1997) e Smolka (2012), compreende a leitura como um processo complexo de interação e construção de sentidos, profundamente enraizado em contextos históricos e culturais.

Nesse cenário, emerge a necessidade premente de distinguir e, ao mesmo tempo, articular os conceitos de alfabetização e letramento. De acordo com o entendimento de Magda Soares (2009, 2013), a alfabetização refere-se à aquisição da tecnologia da escrita, ou seja, ao domínio do sistema alfabético e ortográfico; já o letramento concerne ao desenvolvimento das competências sociais de uso dessa escrita. Na realidade brasileira, muitos estudantes concluem os ciclos iniciais de escolarização capazes de decodificar textos, mas desprovidos da proficiência necessária para interpretá-los criticamente ou utilizá-los de forma autônoma em suas vivências cotidianas, o que caracteriza o fenômeno do analfabetismo funcional. Sob essa ótica, o letramento social apresenta-se como uma estratégia para expandir a ação alfabetizadora, possibilitando que o aluno interaja com a sociedade de maneira participativa e reflexiva.

A problemática central que motiva este estudo reside no baixo nível de aprendizagem observado em diversas instituições públicas, onde o sistema educacional é frequentemente afetado por desacertos que impactam o desenvolvimento do ensino. Na Escola Professor Erick Vicente de Souza, localizada na cidade de Manaus-AM, verificou-se que uma parcela considerável de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental enfrenta barreiras significativas no processo de letramento, as quais, se não mitigadas precocemente, podem gerar bloqueios em outras disciplinas e comprometer a trajetória escolar e social do discente. Essa realidade exige um olhar atento para a formação do profissional docente, uma vez que a eficácia do ensino-aprendizagem está intrinsecamente ligada à capacidade do educador de atuar como mediador e organizador de situações de aprendizagem significativas.

Impende salientar que a formação do pedagogo no Brasil possui uma trajetória marcada por indefinições curriculares que, por vezes, refletem na prática em sala de aula. Desde o antigo esquema “3+1” até as atuais diretrizes curriculares nacionais de 2006, o curso de Pedagogia buscou consolidar-se como a ciência do ensino, atribuindo ao pedagogo a responsabilidade de mediar a apropriação do

patrimônio cultural da humanidade. Contudo, como apontado por Saviani (2009) e Leite (2008), o distanciamento entre a teoria acadêmica e a realidade plural das salas de aula pode resultar em um despreparo técnico e metodológico, dificultando o enfrentamento das heterogeneidades presentes nos grupos de alfabetização. A carência de recursos didáticos e a falta de tempo para o planejamento de atividades lúdicas são frequentemente citadas por professores como fatores que obstaculizam a alfabetização eficaz.

A justificativa para a realização desta pesquisa repousa na urgência de se implementar estratégias pedagógicas inovadoras que superem a “educação bancária” denunciada por Paulo Freire (1983), em que o conhecimento é meramente depositado nos alunos de forma passiva. É fundamental que a escola crie situações didáticas que permitam à criança vivenciar os usos sociais da escrita em contextos reais e comunicativos. Dentro desse panorama, a Oficina de Leitura apresenta-se como uma estratégia promissora, visando melhorar os índices de aprendizagem por meio da construção lúdica e prática do conhecimento. Tal abordagem permite despertar o prazer de ler, transformando o ato de leitura, muitas vezes encarado como uma obrigação maçante, em uma atividade recreativa e significativa.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo primordial investigar o desenvolvimento do processo de leitura e escrita no 1º ano do ensino fundamental na Escola Professor Erick Vicente de Souza, na cidade de Manaus-AM, especificamente por meio da aplicação da Oficina de Leitura como ferramenta de intervenção pedagógica. Pretende-se analisar como essa estratégia contribui para a superação das dificuldades de aprendizagem, identificar os desafios enfrentados pelos docentes na formação desses novos leitores-escritores e descrever a eficácia das metodologias lúdicas aplicadas no contexto escolar pesquisado. A hipótese norteadora sugere que o uso de práticas pedagógicas que integram o lúdico e o letramento social pode catalisar o avanço das competências de leitura e escrita, mesmo em contextos de vulnerabilidade educacional.

Para o alcance desses objetivos, o estudo fundamenta-se em uma abordagem de campo com enfoque qualitativo e quantitativo, realizada no ano de 2021. A metodologia compreendeu, inicialmente, um levantamento bibliográfico denso sobre as teorias do letramento e da formação docente, seguido pela aplicação de questionários a professores para diagnosticar as práticas pedagógicas vigentes e as principais lacunas no processo de alfabetização. Posteriormente, foi implementado o projeto de intervenção “Oficina de Leitura” com 100 alunos divididos em turmas do 1º ano, utilizando técnicas como o uso do alfabeto móvel, caixa de leitura, máquinas de leitura e a releitura de obras literárias e gêneros textuais do cotidiano, como receitas culinárias. A análise dos dados foi realizada de forma criteriosa, buscando correlacionar a base teórica com os resultados práticos observados durante as oficinas.

Em última análise, este trabalho busca não apenas documentar uma experiência pedagógica local, mas contribuir para o debate acadêmico sobre a importância da alfabetização letrada e da formação continuada do professor alfabetizador. Acredita-se que o fortalecimento dos vínculos entre a teoria sociointeracionista e a prática

docente, aliado ao suporte institucional e ao envolvimento familiar, constitua o caminho necessário para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e plenamente capazes de ler e escrever sua própria história.

METODOLOGIA

A seção metodológica da pesquisa em questão caracteriza-se como um estudo de campo de natureza aplicada e abordagem quali-quantitativa, realizado no ano de 2021. Conforme descrito no documento, a investigação fundamenta-se no método dedutivo, partindo de premissas gerais para a compreensão de fenômenos particulares, utilizando-se do silogismo para alcançar conclusões logicamente fundamentadas. O alcance do estudo é definido como exploratório, visando ampliar a familiaridade com o objeto de estudo e aprofundar o conhecimento sobre o processo de letramento e alfabetização no contexto escolar.

O cenário da investigação é a Escola Professor Erick Vicente de Souza, uma instituição pública da rede municipal situada na Zona Leste de Manaus-AM, no bairro Jorge Teixeira. O contexto físico da escola foi pormenorizado, compreendendo 13 salas de aula, laboratório de ciências, refeitório, pátio coberto e demais dependências administrativas e de suporte. A missão institucional da escola, conforme o Projeto Político-Pedagógico (PPP), foca no desenvolvimento pleno dos alunos nos aspectos cognitivos e sociais, buscando o fortalecimento dos laços entre escola e família. A escolha desse local deu-se pelo critério de facilidade de acesso da pesquisadora e pela observação direta das dificuldades de letramento dos discentes das séries iniciais daquela unidade.

A população e a amostra do estudo foram constituídas por sujeitos diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do 1º ano do Ensino Fundamental. A amostra totalizou 4 professores regentes das turmas de alfabetização e 100 alunos, também distribuídos em quatro turmas. Para a seleção dos discentes participantes da intervenção prática, utilizou-se o critério de indicação pelos docentes e observação diagnóstica prévia, focando-se exclusivamente naqueles que apresentavam barreiras significativas na aquisição das competências de leitura e escrita. No que tange aos aspectos éticos, o texto assegura a preservação da identidade dos participantes, garantindo o anonimato e a confidencialidade das respostas obtidas por meio dos instrumentos de coleta.

A coleta de dados foi estruturada em múltiplas etapas e utilizou diversos instrumentos científicos. Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico em livros e artigos científicos para fundamentar teoricamente a problemática e os objetivos da pesquisa. Na fase de campo, aplicou-se um questionário estruturado aos quatro professores, contendo doze questões voltadas às concepções de leitura, formação acadêmica e práticas pedagógicas. O procedimento de aplicação do questionário previu um tempo estimado de 30 minutos, podendo ser realizado individualmente ou no domicílio dos docentes, visando garantir respostas fidedignas e não influenciadas pelo pesquisador.

Posteriormente, a pesquisa utilizou a observação direta e participante como técnica central. Essa abordagem permitiu à investigadora um contato direto com a realidade das crianças, facilitando a análise de comportamentos e o acompanhamento presencial do projeto de intervenção. Complementarmente, foram realizadas entrevistas informais com os docentes para consolidar o diagnóstico dos alunos que participariam da etapa prática do estudo.

O ponto central da metodologia de campo consistiu na implementação do projeto “Oficina de Leitura”, uma estratégia pedagógica lúdica e interativa que buscou mediar a construção do conhecimento. O projeto foi executado ao longo de três semanas (mencionadas inicialmente como duas e detalhadas posteriormente como três no texto de análise) e estruturou-se em metodologias distintas:

- Metodologia 1 (Primeira Etapa): Focada na interação literária, incluiu a escolha de livros pelos alunos para leitura compartilhada com os pais no ambiente familiar. Na sequência escolar, as atividades envolveram rodas de leitura para interpretação oral, uso de alfabeto móvel para reconhecimento de sílabas e palavras, ditado ilustrado com tampas de garrafa (caixa de leitura) e o uso de uma “máquina de leitura” confeccionada em papelão para a reescrita de vocábulos. Esta etapa culminou na elaboração, por parte das crianças, de um livro próprio baseado na releitura das obras originais.
- Metodologia 2 (Segunda Etapa): Utilizou o gênero textual “receita culinária” (receita de brigadeiro) para contextualizar o letramento social. Os procedimentos incluíram a leitura coletiva de cartazes, a identificação de palavras e letras em embalagens de produtos reais, a realização de um bingo de palavras e, por fim, um ditado ilustrado focado nos ingredientes utilizados.

O rigor científico foi mantido através da observação direta do desempenho individual dos alunos após cada oficina, visando mensurar possíveis avanços nas competências leitoras e escritas. O desenho da investigação garantiu que os dados qualitativos, derivados da observação e do discurso docente, fossem confrontados com o embasamento teórico clássico (como Vygotsky, Soares e Kleiman).

Para a análise dos dados, empregou-se a análise de conteúdo para as informações qualitativas e o tratamento estatístico para os dados quantitativos. As respostas dos questionários foram organizadas e tabuladas em planilhas eletrônicas do Microsoft Excel, permitindo a criação de gráficos e tabelas para a apresentação sistemática dos resultados. A interpretação final buscou a triangulação das informações coletadas (documentos, falas dos professores e observação das crianças), buscando conexões que enriquecessem a discussão sobre as dificuldades de aprendizagem e a eficácia das metodologias aplicadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação conduzida na Escola Professor Erick Vicente de Souza revela um cenário complexo e multifacetado acerca do processo de aquisição da leitura e da escrita, em que os resultados obtidos permitem uma articulação profunda entre as evidências empíricas e o arcabouço teórico que sustenta a alfabetização letrada na contemporaneidade. A análise dos dados coletados junto ao corpo docente e a observação direta das Oficinas de Leitura evidenciam que a superação das dificuldades de aprendizagem não depende apenas da aplicação de métodos isolados, mas de uma compreensão holística do sujeito aprendente, de sua inserção social e da qualidade da mediação pedagógica. Conforme será discutido, os achados desta pesquisa tensionam a visão tradicionalista de ensino ao demonstrarem a eficácia de práticas lúdicas e socialmente referenciadas no desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças em fase de alfabetização.

Diagnóstico das Práticas Pedagógicas e Desafios no Cenário da Alfabetização

A análise inicial do perfil dos docentes participantes revela uma formação acadêmica pautada na Pedagogia, com incursões em especializações *latu sensu* que, embora relevantes, nem sempre se traduzem em um domínio técnico-científico voltado especificamente para a alfabetização e o letramento. Verificou-se que apenas uma parcela reduzida das professoras possui formação continuada especificamente direcionada para essa área, o que corrobora as preocupações de Saviani (2009) e Leite (2008) sobre a natureza, por vezes, generalista e tecnicista da formação docente no Brasil. Esse cenário de formação impacta diretamente a satisfação e a performance profissional, uma vez que, apesar de declararem contentamento com o magistério, os educadores apontam barreiras estruturais significativas. A experiência docente, variando entre 4 e 20 anos, demonstra que a senioridade auxilia na gestão da sala de aula, mas não blindava o profissional contra as lacunas metodológicas que persistem no sistema educacional.

Um dos resultados mais contundentes refere-se aos fatores dificultadores do processo de alfabetização. A escassez de material didático e a dificuldade na produção de ferramentas pedagógicas próprias foram citadas por mais de dois terços dos docentes como obstáculos primordiais. Essa carência material não é apenas um problema logístico, mas uma barreira epistemológica, pois, como afirma Cagliari (1998), a alfabetização comprometida compromete o processo escolar como um todo. Quando o professor se vê desprovido de suportes que estimulem a curiosidade e a interação, a tendência é o retrocesso a práticas mecânicas de decodificação, o que Leite (2001) descreve como a “morte paulatina do potencial que as crianças trazem”. A análise das respostas docentes permite inferir que a falta de recursos gera uma sobrecarga no planejamento, subtraindo o tempo que seria destinado à criação de atividades lúdicas e significativas.

Paralelamente aos desafios internos da escola, a ausência de acompanhamento familiar emergiu como um ponto crítico de preocupação unânime entre os pesquisados. Os dados indicam que a criança que não recebe estímulos em casa ou que não conta com a mediação dos pais na realização de tarefas escolares enfrenta uma trajetória de aprendizagem consideravelmente mais árdua. Libâneo (2000) e Fonseca (2008) enfatizam que o ambiente familiar deve ser facilitador; entretanto, o que se observa na realidade da Zona Leste de Manaus é um distanciamento preocupante. Essa falta de parceria entre escola e família sobrecarrega o papel do alfabetizador, que muitas vezes assume solitariamente a missão de apresentar o universo letrado ao discente, sem o reforço social necessário para consolidar o hábito da leitura.

No que concerne às concepções de alfabetização e letramento, os resultados evidenciam que, embora a maioria das professoras consiga distinguir teoricamente os conceitos, ainda há resistências e interpretações divergentes sobre como esses processos se articulam na prática. A visão da alfabetização como mera decodificação de grafemas e fonemas (o tradicional “B + A = BA”) ainda reverbera em algumas falas, apesar de a literatura contemporânea, representada por Magda Soares (2009, 2013), insistir que a alfabetização deve ocorrer dentro do contexto do letramento. A constatação de que uma das entrevistadas não vê relação direta entre os dois processos é um dado alarmante que reflete as fissuras na formação inicial discutidas por Dalvi (2011). Sem a compreensão de que ler e escrever são práticas sociais dialógicas (Bakhtin, 1992), o ensino corre o risco de formar analfabetos funcionais: sujeitos que decifram o código, mas não compreendem a mensagem nem exercem sua cidadania de forma plena.

Por outro lado, o interesse manifestado pelos alunos aponta para um caminho de esperança metodológica. Três quartos dos docentes observaram que as crianças demonstram maior entusiasmo por atividades em grupo e lúdicas, em detrimento de exercícios puramente abstratos ou repetitivos. Esse dado é fundamental para a discussão, pois corrobora as teses de Vygotsky (2007) sobre a importância da situação imaginária e do brinquedo no desenvolvimento infantil. O lúdico não é um mero entretenimento, mas uma ferramenta de mediação que permite à criança satisfazer desejos que a realidade concreta não comporta, funcionando como um motor para a zona de desenvolvimento proximal. A resistência discente a métodos tradicionais, por vezes encarados como cansativos e obsoletos (Ribeiro, 2004), indica que a escola precisa urgentemente reconciliar o prazer com o dever da aprendizagem.

A Intervenção via Oficina de Leitura: Repercussões Cognitivas e Sociais

A implementação da Oficina de Leitura com os 100 alunos selecionados por apresentarem dificuldades prévias revelou-se um divisor de águas no contexto da pesquisa. Os resultados práticos desta intervenção demonstram que a alteração do ambiente pedagógico e a introdução de objetos mediadores diversificados

catalisaram avanços que o ensino tradicional não vinha obtendo. Durante a aplicação da Metodologia 1, que envolveu o uso do alfabeto móvel e da “máquina de leitura”, observou-se que crianças antes estagnadas no nível pré-silábico ou silábico conseguiram relacionar sons a letras e formar palavras com autonomia. Esse progresso valida a premissa de Cagliari (1997) de que a alfabetização é, em essência, a descoberta de como o sistema funciona através do trabalho ativo do leitor.

A utilização do alfabeto móvel permitiu que os discentes manipulassem as unidades da língua de forma concreta, facilitando a visualização da estrutura silábica e ortográfica. A análise da atividade com o livro “Papagaiada” mostrou que a transição da leitura oral (feita pelos pais ou pela professora) para a reescrita autônoma é facilitada quando há um vínculo afetivo e um interesse real pela narrativa. Ao elaborarem seus próprios livros, os alunos deixaram a posição de meros receptores para se tornarem produtores de sentidos, aproximando-se do ideal de Freire e Macedo (2011) de que ler é reinventar e reconstruir o conhecimento. O entusiasmo observado ao término de cada tarefa indica que o aprendizado significativo gera um ciclo de autoeficácia, em que o aluno, ao perceber-se capaz de ler, busca novas leituras.

A Metodologia 2, focada no gênero textual “receita de brigadeiro”, aprofundou a dimensão do letramento social. Ao interagirem com embalagens reais e identificarem letras e sílabas em produtos do cotidiano, as crianças compreenderam a funcionalidade da escrita fora dos muros escolares. Esse achado é de suma importância, pois reforça o que Kleiman (2005) e Soares (2004) denominam como a inserção nas práticas sociais de leitura. O letramento começa antes da alfabetização formal e deve ser alimentado por ela; a oficina demonstrou que, ao tratar a escrita como uma ferramenta para agir no mundo (fazer um brigadeiro, ler um rótulo), o aluno atribui valor real ao esforço cognitivo exigido. A alegria e a ansiedade relatadas pelas professoras para as próximas atividades comprovam que a motivação é o combustível essencial para a superação de barreiras de aprendizagem.

A discussão sobre o ditado ilustrado e a “caixa de leitura” permite observar o desenvolvimento da coordenação motora fina e da discriminação visual de forma integrada ao raciocínio linguístico. Ao associar a figura do personagem ao agrupamento de tampinhas de garrafa com letras, o aluno exercita uma função psicológica superior sofisticada de representação simbólica da realidade (Rego, 1995; Vygotsky, 2007). A evidência de que os alunos com maiores dificuldades progrediram mais rapidamente neste formato do que em cópias de quadro aponta para uma falha nas metodologias homogeneizantes denunciadas por Corrêa (2012). A oficina permitiu um atendimento individualizado e respeitoso ao tempo de cada criança, comprovando que a heterogeneidade da sala de aula é uma oportunidade de interação, e não um obstáculo insolúvel.

Outro ponto relevante observado nos resultados foi a melhoria nos índices de socialização e cooperação entre os discentes. Historicamente habituados ao trabalho individual e silencioso, os momentos de interação nas oficinas geraram confrontos saudáveis de ideias e trocas de conhecimentos. De acordo com

Colello (2007) e Wallon (conforme citado indiretamente nas fontes via perspectiva sociointeracionista), o aprendizado não ocorre no isolamento, mas na relação interativa entre o sujeito e a cultura. O espírito de equipe e a ajuda mútua para decifrar as palavras do bingo de receitas revelam que o letramento também é um processo de construção de identidade coletiva. Os alunos não apenas aprenderam a ler o código, mas aprenderam a ler o colega e o ambiente escolar sob uma nova ótica de acolhimento e prazer.

Entretanto, os resultados também acionam um alerta para a sustentabilidade dessas práticas. Embora a oficina tenha gerado frutos imediatos, os relatos docentes sobre a “falta de tempo para criar atividades lúdicas” indicam uma tensão estrutural. O planejamento mensal engessado por demandas burocráticas muitas vezes impede que o professor dê continuidade a intervenções dessa natureza. A discussão teórica amparada em Luck (2008) reforça que o planejamento deve ser flexível; contudo, a realidade escolar parece exigir um esforço hercúleo do alfabetizador para manter a ludicidade acesa. A dependência excessiva do esforço individual do docente, sem suporte de materiais e tempo institucionalizado, coloca em risco a formação de leitores críticos em larga escala, perpetuando o ciclo da “pedagogização” desestimulante do texto denunciada por Bordini e Aguiar (1993).

Em suma, a integração dos resultados e da discussão permite concluir que o processo de leitura e escrita no 1º ano na Escola Erick Vicente de Souza é perpassado por uma luta constante entre a tradição decodificadora e a inovação letrada. A oficina de leitura provou ser um instrumento de emancipação, reduzindo o fosso entre o aluno e o objeto de estudo ao tratar a linguagem como produção viva e dinâmica. As evidências de progresso autônomo na escrita e o despertar do desejo literário confirmam que a alfabetização eficaz é aquela que “reencanta a vida”, nas palavras de Sung (2007), e que se baseia no diálogo, na humildade e na fé na capacidade humana de reinventar o mundo através da palavra (Freire, 1975). A formação dos futuros leitores-escritores exige, portanto, não apenas métodos, mas uma postura ética e científica que valorize a experiência lúdica como base para o pensamento racional e cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação, ao perscrutar os meandros do processo de aquisição da leitura e da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Professor Erick Vicente de Souza, em Manaus-AM, permitiu uma compreensão aprofundada dos desafios e das potencialidades inerentes à alfabetização letrada na contemporaneidade. O problema central da pesquisa, pautado na identificação das barreiras que impedem o avanço proficiente dos discentes e na eficácia de intervenções lúdicas, foi respondido ao longo do estudo, evidenciando que a superação do analfabetismo funcional exige mais do que a simples instrução técnica, demandando uma mudança paradigmática na mediação pedagógica. Através da implementação da “Oficina de Leitura”, este trabalho logrou êxito em demonstrar

que a dissociação entre o ato de codificar e a prática social do letramento é o principal entrave para a formação de leitores críticos e autônomos.

Em caráter de síntese, os achados revelaram que o cenário educacional investigado é marcado por uma tensão entre a formação docente, por vezes generalista, e a complexidade das demandas em sala de aula. As evidências empíricas demonstraram que, embora os educadores possuam vasta experiência, a carência de recursos didáticos e a falta de tempo para o planejamento de atividades lúdicas figuram como obstáculos primordiais que empurram o ensino de volta a modelos tradicionais e mecânicos. Contudo, a intervenção prática realizada com os 100 alunos selecionados comprovou que a introdução de objetos mediadores, como o alfabeto móvel e as situações imaginárias propostas pelas oficinas, catalisou um salto qualitativo no desenvolvimento cognitivo das crianças. Observou-se a transição de níveis pré-silábicos para a formação autônoma de palavras, validando a premissa de que a alfabetização, quando inserida em um contexto de prazer e significado, deixa de ser um fardo para se tornar uma descoberta do sistema de escrita.

A interpretação final dos resultados, à luz do arcabouço teórico de Vygotsky (2007) e Magda Soares (2009, 2013), permite concluir que a “Oficina de Leitura” não atuou apenas como um suporte pedagógico, mas como um espaço de interação sociocultural essencial. A eficácia da Metodologia 2, que utilizou o gênero textual “receita culinária”, reforçou que o letramento social é o motor que impulsiona a alfabetização técnica. Ao conectar o conteúdo escolar com as práticas do cotidiano, a escola cumpre sua função social de elevar o educando para além do conhecimento espontâneo, integrando-o ao universo da cultura escrita e científica. Consequentemente, o estudo confirma que a linguagem escrita é uma função psicológica superior que se realiza culturalmente por meio da mediação, e que o silogismo entre teoria e prática lúdica é o caminho mais eficaz para mitigar as dificuldades de aprendizagem.

As implicações educacionais deste estudo são vastas e urgentes. Primeiramente, no âmbito das políticas de formação docente, urge a necessidade de programas de formação continuada que capacitem o professor para além da racionalidade técnica, oferecendo-lhe ferramentas para a criação de metodologias diferenciadas que respeitem a heterogeneidade da sala de aula. Na esfera prática, o sucesso da intervenção sugere que a ludicidade deve deixar de ser um evento esporádico para se tornar o eixo central do planejamento alfabetizador. Ademais, a pesquisa acende um alerta para a imprescindibilidade do fortalecimento do vínculo escola-família. A constatação de que a ausência de estímulo doméstico é um dos maiores desafios relatados pelos docentes implica que a educação de qualidade é uma responsabilidade compartilhada e que o isolamento institucional da escola compromete a sustentabilidade dos avanços obtidos em sala.

A despeito dos resultados promissores, é necessário reconhecer as limitações desta investigação. O estudo concentrou-se em um recorte temporal e geográfico específico, o que restringe a generalização estatística dos dados para outras redes de ensino. O período de intervenção de três semanas, embora suficiente

para diagnosticar avanços iniciais, não permite aferir a consolidação definitiva das competências de letramento a longo prazo. Outrossim, a pesquisa baseou-se na observação de uma única unidade escolar pública, o que pode não refletir as nuances das instituições privadas ou de diferentes contextos socioeconômicos da região amazônica.

Para futuras investigações, recomenda-se a realização de estudos comparativos entre o ensino público e o privado, buscando identificar como a distribuição de recursos impacta as metodologias de letramento social. Sugere-se também o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que acompanhem os egressos das oficinas de leitura ao longo do Ensino Fundamental II, visando avaliar se o despertar do prazer literário nas séries iniciais atua como fator preventivo contra o desânimo escolar na adolescência. Por fim, propõe-se a investigação do uso de tecnologias digitais como ferramentas complementares à ludicidade física nas oficinas, adaptando o processo alfabetizador às novas linguagens da era informacional.

Em remate, este artigo científico reafirma que o processo de ler e escrever não se encerra no domínio do código alfabético, mas na capacidade do sujeito de interpretar o mundo e agir sobre ele. A “Oficina de Leitura” provou ser um instrumento de emancipação que, ao respeitar a infância e valorizar a mediação dialógica, abre portas para que os alunos do 1º ano da Escola Erick Vicente de Souza não apenas decifrem letras, mas escrevam sua própria cidadania. O compromisso ético e científico da educação deve ser, portanto, o de garantir que a escola seja um espaço onde o conhecimento se constrói na interação, na humildade e na fé na capacidade transformadora da palavra.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- COLELLO, Silvia Maria Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CORRÊA, Jacira de Oliveira. **Prática de leitura em sala de aula**. Evidência, Araxá, v. 8, n. 8, p. 157-164, 2012.
- DALVI, Maria Amélia. **O perfil de professor que ingressa e que se forma no curso de Letras – Português na Universidade Federal do Espírito Santo**. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 14, n. 1, p. 173-193, jun. 2011.

FONSECA, José Francisco Oliveira. **Dificuldade na aprendizagem**. 2008. Tese (Pós-Graduação Lato Sensu em Alfabetização) – Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Rio de Janeiro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva (Org.). **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas: Komedi: Arte Escrita, 2001.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática**. Brasília: Líber Livro, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUNG, Jung Mo. **Educar para reencantar a vida**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.